

## Conhecimento e uso de plantas medicinais na comunidade do Catu, Canguaretama (RN, Brasil)

Amanda Stefanie Sérgio da Silva<sup>1\*</sup> , Francisca de Souza Miller<sup>3</sup> , Vagner Lacerda Vasquez<sup>2</sup> 

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n, Dois Irmãos, 52171-900, Recife, PE, Brasil. <sup>2</sup>Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Avenida Senador Salgado Filho, s/n, Lagoa Nova, 59072-970, Natal, RN, Brasil. <sup>3</sup>Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Avenida Senador Salgado Filho, s/n, Lagoa Nova, 59072-970, Natal, RN, Brasil.

\*Autor para correspondência: amandastefaniess@gmail.com.

**RESUMO:** O objetivo da presente pesquisa é descrever e caracterizar os etnoconhecimentos sobre plantas medicinais e seus usos terapêuticos em uma comunidade indígena do Nordeste brasileiro. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e lista livre de espécies, através do método Bola de Neve, buscando-se informações sobre o uso de plantas com potencial medicinal. Foram relatadas 68 espécies, com porcentagem semelhante entre nativas (55,9%) e exóticas (44,1%). As famílias mais representativas foram Fabaceae (12 spp.) e Lamiaceae (10 spp). As espécies que se destacaram com maior número de citação foram *Rosmarinus officinalis*, *Cymbopogon citratus*, *Lippia alba* e *Periandra mediterranea*. As folhas foram as partes mais utilizadas, consumidas nas formas de chás e garrafadas, principalmente no tratamento de doenças do aparelho respiratório. As informações contidas neste trabalho evidenciam a riqueza de plantas com potencial medicinal e a cultura local. Isto pode revelar um resgate dos costumes tradicionais de uso das plantas, para a manipulação caseira de remédios de baixo custo financeiro para toda a comunidade estudada.

**Palavras-chave:** Etnobotânica, Etnoconhecimento, Comunidade Indígena, Eleotérios do Catu.

**ABSTRACT: Knowledge and use of medicinal plants in the community of Catu, Canguaretama (RN, Brazil).** The aim of the present research is to describe and characterize the ethnoknowledge about medicinal plants and their therapeutic uses in an indigenous community of the Brazilian Northeast. Semistructured interviews and free list of species were made, through the Snowball method, seeking information about the use of plants with medicinal potential. 68 species were reported, with a similar percentage between natives (59.9%) and exotics (44.1%). The most representative families were Fabaceae (12 spp.) and Lamiaceae (10 spp.). Species with the highest number of citations were *Rosmarinus officinalis*, *Cymbopogon citratus*, *Lippia alba* e *Periandra mediterranea*. Leaves were the most used part, consumed as teas and “garrafadas”, mainly in the treatment of respiratory system diseases. The results of this work show the plant richness with medicinal potential and local culture. This may reveal a rescue of traditional plant-use customs, for a home-based manipulation of low-cost remedies for all the studied community.

**Key words:** Ethnobotany; Ethnoknowledge, Indigenous Community, Eleotérios do Catu.

### INTRODUÇÃO

O conhecimento tradicional tem sido considerado um dos bens mais importantes das comunidades locais (Dutt et al. 2015). Eles tendem a ser transmitidos entre as gerações por meio oral e estes processos de transmissão também oferecem oportunidades privilegiadas para readequações ou reelaborações dos conhecimentos (Little 2010).

O conhecimento sobre plantas medicinais é tão antigo quanto os tempos, em que os homens iniciaram suas buscas, na natureza, de recursos para

melhorar suas condições de vida, até atualmente, com formas tecnologicamente sofisticadas para a produção industrial de medicamentos (Lorenzi e Matos 2008).

Os povos indígenas brasileiros, historicamente, são conhecidos por possuírem formas sustentáveis de manejo dos recursos naturais, bem como por apresentarem vasto conhecimento sobre plantas medicinais e seus usos terapêuticos, e formas próprias de tratamento e cura de doenças (Ribeiro e Ribeiro 1986). Na região

Recebido para publicação em 28/09/2017

Aceito para publicação em 09/12/2021

Data de publicação em 15/12/2021

ISSN 1983-084X

© 2019 Revista Brasileira de Plantas Medicinais/Brazilian Journal of Medicinal Plants.

This is an open access article under the CC BY-NC-ND license

(<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

Nordeste e na Amazônia, as populações locais possuem conhecimento sobre as plantas medicinais e seus usos terapêuticos, na maioria das vezes utilizando a planta na forma fresca, embora existam inúmeros medicamentos produzidos industrialmente (Lorenzi e Matos 2008).

Dentre as pesquisas sobre plantas medicinais, é possível destacar que o conhecimento sobre o uso das plantas, muitas vezes, está totalmente sob custódia dos membros idosos da comunidade, e o conhecimento sobre remédios caseiros está relacionado à cultura local, fé e percepção da população (Aziz et al. 2017). Ullah et al. (2014) afirmam que o conhecimento sobre plantas medicinais desempenha um papel importante para o cuidado com a saúde dos moradores da área de estudo.

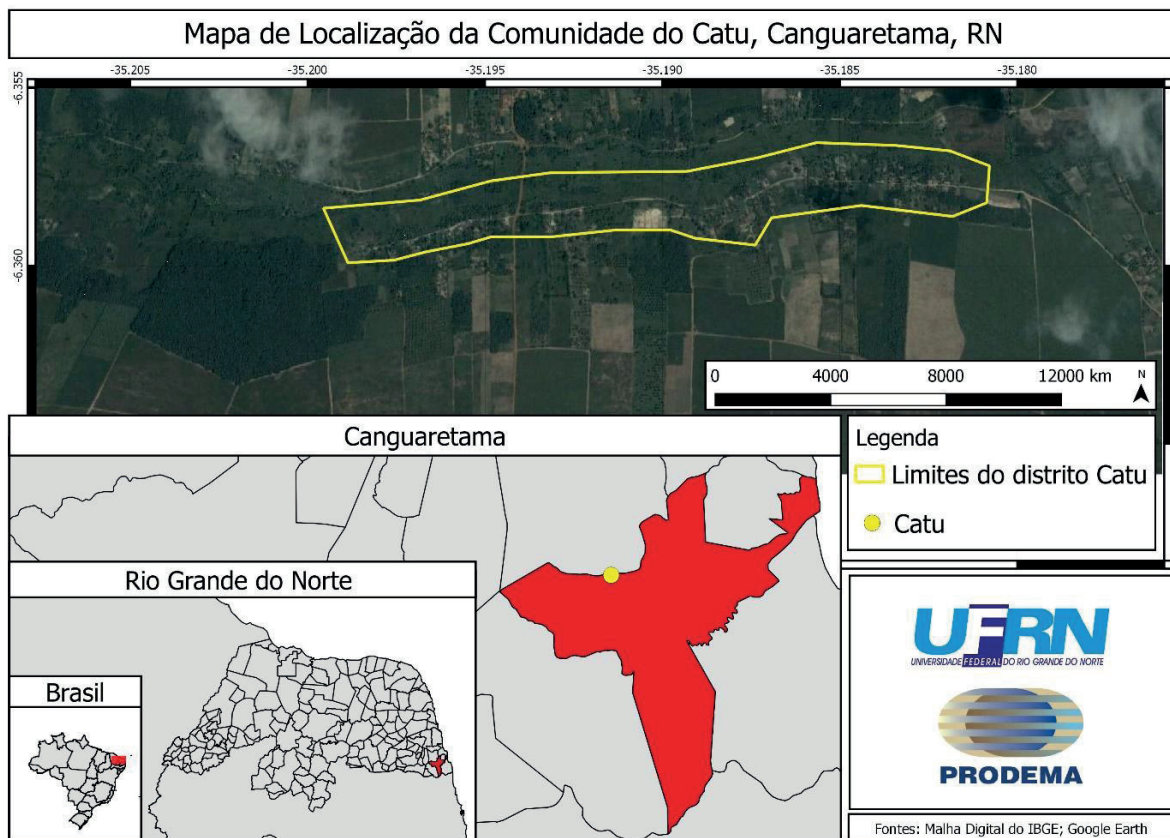
Nessa perspectiva, o estudo do conhecimento tradicional é importante para a compreensão e a valorização das culturas, formas de agir, viver e conviver com o meio ambiente (Amorozo 2001). Assim, o objetivo da presente pesquisa é descrever e caracterizar o etnoconhecimento sobre plantas medicinais e seus usos terapêuticos em uma comunidade do Rio Grande do Norte.

## MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa foi realizada em uma comunidade indígena denominada “Eleotérios do Catu”, no distrito do Catu, município de Canguaretama, no Estado do Rio Grande do Norte, Brasil (Figura 1). O Catu localiza-se na divisa entre os municípios de Canguaretama e Goianinha, às margens do rio Catu ( $06^{\circ} 21' 29.48''$  S;  $35^{\circ} 11' 18.07''$  O), distando aproximadamente 79 quilômetros de Natal (capital do Estado). Tal comunidade está dentro dos limites da Área de Proteção Ambiental (APA) Piquiri-Una, criada em 1990, pelo Decreto Estadual nº 10.683 de 6.6.90 (IDEMA 2008).

Localizado no bioma Mata Atlântica, o município possui um clima tropical chuvoso, com temperatura média anual de  $25,6^{\circ}\text{C}$  e umidade relativa do ar de 73%. É caracterizado por possuir dois períodos, um seco e o outro chuvoso, este principalmente entre os meses de abril e maio (IDEMA 2008).

O trabalho de campo foi conduzido entre os meses de outubro/2016 a junho/2017. Partindo de abordagens etnológicas e etnobotânicas, foram realizadas entrevistas abertas e semiestruturadas (Berlin e Berlin 2005), com amostragem intencional, seguindo o método denominado Bola de Neve (Bailey 1994). Este método consiste em que



**FIGURA. 1.** Mapa de localização da comunidade do Catu-Canguaretama, com seu limite habitacional em destaque. Autor da imagem: Vagner Lacerda Vasquez.

cada entrevistado indica o próximo a participar da entrevista e assim sucessivamente. Os informantes foram selecionados por serem considerados conhecedores das plantas medicinais. O número de entrevistados foi definido pela saturação das informações fornecidas por eles e pelo fechamento do ciclo do método, em que os informantes passaram a sugerir os que já haviam sido entrevistados.

Antes do início de cada entrevista, o consentimento prévio informado foi obtido através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os entrevistados foram solicitados a fazerem uma listagem livre das espécies de plantas medicinais e descreverem como as utilizam, incluindo as doenças combatidas, partes utilizadas da planta e modo de preparo. Foram questionados também acerca da coleta das espécies, se são silvestres ou cultivadas.

As coletas das espécies vegetais foram realizadas com o auxílio do método Turnê Guiada (Albuquerque e Lucena 2004). Nesta etapa, o informante-chave foi solicitado para auxiliar na localização e identificação das espécies, nas matas da região, nos quintais ou arredores das casas. Quando necessário, foram coletadas imagens fotográficas dessas plantas e, de modo habitual, foram colhidas amostras para auxiliar na identificação.

As amostras coletadas foram identificadas com métodos usuais da botânica, tais como auxílio de literatura específica (Lorenzi e Matos 2008; Matos 2002) e comparação com banco de dados e exsicatas de herbários virtuais (Reflora 2017; Specieslink 2017) e físico (UFRN). A nomenclatura das espécies está de acordo com o banco de dados Tropicos (2017).

Partindo da Análise de Conteúdo (Bardin 2011), foram construídas planilhas para a devida tabulação dos dados, nestas constam a listagem das espécies e suas informações. As doenças e os sintomas tratados com a utilização de plantas medicinais indicadas pelos entrevistados da comunidade, foram separados por categorias, viabilizando, assim, a tabulação dos dados. As categorias foram definidas de acordo com a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID 10 (OMS 2000).

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Os especialistas no assunto das plantas medicinais entrevistados na comunidade do Catu-Canguaretama são, em sua maioria, do sexo feminino (seis) e apenas um do sexo masculino, com idades entre 52 e 82 anos. Todos concordam quanto ao modo de aprendizagem dos seus saberes medicinais, afirmando que aprenderam com algum parente de idade mais avançada, geralmente pais

e/ou avós.

Informações semelhantes, no Estado do Rio Grande do Norte (RN), também foram destacadas nas pesquisas de Mosca e Loiola (2009), em relação ao sexo e idade dos informantes, e Roque et al. (2010), em relação à aprendizagem.

A maioria do sexo feminino pode ser em decorrência das mulheres comumente se responsabilizarem pelo preparo de alimentos e de remédios, e serem as responsáveis pelo cultivo das hortas. As pessoas com mais de 50 anos são, possivelmente, os indivíduos que aprenderam os ensinamentos dos parentes idosos e desenvolveram esses ensinamentos com o aporte de novas informações.

Um total de 68 espécies vegetais com potencial medicinal foi citado pelos entrevistados da comunidade, as quais estão distribuídas em 62 gêneros e 32 famílias (Tabela 1). Outras pesquisas realizadas no RN possuem valores inferiores quanto ao número de espécies vegetais com potencial medicinal, como é possível observar em Silva e Freire (2010), com 45 spp.; Mosca e Loiola (2009), com 57 spp.; e Roque et al. (2010), com 62 spp. Dessa maneira, é possível inferir que a comunidade estudada possui o conhecimento de um grande número de espécies com potencial fitoterápico (68 spp.), embora o número de especialistas locais tenha sido pequeno.

As famílias botânicas mais representativas foram Fabaceae (12 spp.) e Lamiaceae (10 spp.), seguidas de Bignoniaceae, Euphorbiaceae, Lauraceae, Rubiaceae e Rutaceae (todas com 3 spp.). As famílias Fabaceae e Lamiaceae compõem-se, principalmente, por árvores nativas e ervas exóticas, respectivamente (Tabela 1).

As espécies vegetais com potencial medicinal mais citadas pelos informantes foram Cidreira (*L. alba* (Mill.) N.E. Brown) e Alcaçuz (*P. mediterranea* (Vell.) Taub.), com cinco e três citações, respectivamente. As espécies exóticas mais citadas foram Alecrim (*R. officinalis* L.) e Capim santo (*C. citratus* (DC.) Stapf.), ambas com cinco citações. O Alecrim também foi a espécie que apresentou o maior número de indicações terapêuticas (8), dentre as nativas, a que apresentou mais indicações foi o Alcaçuz (5) (Tabela 1).

Brito et al. (2017) argumenta a possibilidade das plantas com maior número de citações ou com mais utilidades terapêuticas serem consideradas as mais conhecidas pelas pessoas ou, no mínimo, as plantas mais utilizadas. O Alecrim, atualmente, é uma planta que possui facilidade no seu acesso, pois é amplamente vendida nos mercados em forma de sementes e in natura. Tais fatores podem ter influenciado no conhecimento e na maior utilização desta espécie.

**TABELA 1.** Espécies com potencial medicinal e suas características, utilizadas pela comunidade do Catu/Canguaretama, RN. Convenções: ICUE = informantes citando uso da espécie; CI = Chá por Infusão; CD = Chá por Decocção; GA = Garrafada em água; Gal = Garrafada em álcool; L = Lamedor; S = Suco; P = Pó; IN = In Natura; T = Tintura; Lt = Látex/sumo.

Família/Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	ICUE	Partes	Manip.	Doenças
<b>Acanthaceae</b>							
<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophylla</i> Leonard	Anador	Erva	Nativa	1	Folha	CI	Dores, Dor de barriga
<b>Adoxaceae</b>							
<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schldl.	Flor de Sabugo	Arbusto	Nativa	2	Folha, Flor	CI	Febre, catapora
<b>Amaranthaceae</b>							
<i>Alternanthera tenella</i> Colla	Orcônio, Alcônio	Erva	Nativa	3	Folha, Flor	CD, CI, L	Gripe, Febre, Íngua
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz, Mastruço, Menstruz	Erva	Exótica	3	Folha	S, P	Dor no corpo, Luxações, Gripe, Pneumonia, Tuberculose, Ferida
<b>Anacardiaceae</b>							
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro roxo, Cajueiro azedo, Cajueiro bravo	Árvore	Nativa	2	Entrecasca, Látex (sumo)	CD, GA, IN	Dor de dente, Inflamação na gengiva, Cortes, Coagulante, Cicatrizante
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	Árvore	Nativa	2	Casca, Entrecasca, Folha	CD, GA, GAI	Cicatrizante, Dor de coluna, Dor nas articulações, Anti-inflamatório, Inflamação no útero
<b>Asphodelaceae</b>							
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.	Babosa, Erva babosa	Erva	Exótica	3	Polpa (parte interna da planta)	S, GAI	Infecção urinária, Inflamação, Câncer
<b>Asteraceae</b>							
<i>Chamomilla recutita</i> L. Rauschert	Camomila	Erva	Exótica	1	Flor	CI	Calmante
<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A.Gray	Mão de Deus	Erva	Exótica	1	Folha	CI, CD	Pedra nos rins, Dor na coluna
<b>Bignoniaceae</b>							
<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	Árvore	Nativa	1	Fruto	CD	Ferimento crônico
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê roxo	Árvore	Nativa	1	Casca	GA, CD	Inflamação na gengiva, Inflamação na garganta
<i>Heliotropium elongatum</i> (Lehm.) I. M. Johnst.	Fedegoso	Erva	Nativa	1	Folha	CI, L	Gripe
<b>Cactaceae</b>							
<i>Uebelmannia gummifera</i> (Backeb. & Voll) Buining	Crôa de frade	Subarbusto	Nativa	3	Polpa (parte interna da planta)	L	Gripe, Coqueluche, Bronquite, Asma
<b>Cleomaceae</b>							
<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf.	Moçambê, Mussambê	Arbusto	Nativa	1	Raiz	L	Gripe

continua...

TABELA 1. Continuação

Família/Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	ICUE	Partes	Manip.	Doenças
<b>Convolvulaceae</b>							
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Farwel	Batata de purga	Liana	Nativa	1	Raiz	GA	Hérnia
<b>Costaceae</b>							
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana do brejo, Cana brava	Erva	Nativa	2	Folha, Caule	CD, GA, GAI	Infecção urinária, Dor na coluna
<b>Crassulaceae</b>							
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Coroma, Corama, Folha santa	Erva	Nativa	3	Folha	GAI, S, GA, CI	Inflamação, Infecção urinária, Inchaço na barriga
<b>Cucurbitaceae</b>							
<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	Cabeça de nêgo	Liana	Nativa	1	Raiz	GA	Dores renais
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe bravo	Liana	Nativa	1	Fruto	Lt	Doença de pele (impinge)
<b>Euphorbiaceae</b>							
<i>Jatropha curcas</i> L.	Pinhão manso	Árvore	Exótica	1	Semente	P	"Ramo" (mal-estar sentido após um choque térmico)
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	Arbusto	Exótica	1	Folha	CD, IN (rezar)	Dente inchado, "Mal olhado"
<i>Cnidioscolus urens</i> (L.) Arthur	Urtiga branca	Arbusto	Nativa	3	Raiz	GA, CD	Inflamação no ovário, corrimento vaginal, Inflamação na próstata
<b>Fabaceae</b>							
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão). A. C. Smit h	Cumarú	Árvore	Nativa	1	Entrecasca	GA	Gripe, Bronquite
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Mororó, Pata de vaca	Árvore	Nativa	1	Caule, Folha	CD, GA	Colesterol alto, "Baixa as taxas"
<i>Caesalpinia ferrea</i> var. cearensis Huber	Jucá	Árvore	Nativa	3	Casca, Entrecasca, Vagem	CD, CI, GA, GAI	Dores (luxações)
<i>Caesalpinia ferrea</i> var. <i>ferrea</i>	Pau ferro	Árvore	Nativa	1	Entrecasca	CD	Dor na coluna
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Feijão guandú	Arbusto	Exótica	1	Folha	CD	Mordida de inseto (alergia)
<i>Clitoria ternatea</i> L.	Greto de nêga	Liana	Exótica	1	Flor	L	Tosse
<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Árvore	Nativa	1	Casca	CD, L	Gripe, Inflamação
<i>Leucaena leucocephala</i> (Lam.) de Wit	Linhaça	Árvore	Exótica	1	Semente	P (IN)	Dor nos ossos, dor na coluna
<i>Paubrasilia echinata</i> (Lam.) E. Gagnon, H.C. Lima & G.P. Lewis	Pau-brasil	Árvore	Nativa	1	Casca	GA	Abortivo
<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	Alcançuz	Arbusto	Nativa	3	Raiz	CD, CI, L P (em forma de café)	Tosse, Bronquite, Libera catarro, Asma, Gripe
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Manjerioba	Subarbusto	Nativa	1	Semente		Enxaqueca

continua...

TABELA 1. Continuação

Família/Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	ICUE	Partes	Manip.	Doenças
<i>Stryphnodendron coriaceum</i> Benth.	Babatenon, Babatemão	Árvore	Nativa	3	Casca, Entrecasca	CD, GA, T, GAI	Inflamação, Cortes, Ferida, Dor de barriga, Cicatrizante
<b>Lamiaceae</b>							
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Macassá	Erva	Exótica	3	Folha	IN	Dor de ouvido, Cólicas
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	Hortelã de padre cícero, Hortelã do juazeiro	Erva	Nativa	1	Folha	IN, CI, L	Dor de cabeça
<i>Mentha arvensis</i> L.	Vick, Vique	Erva	Exótica	2	Folha	CD, IN	Dor de barriga, Barriga inchada, Indigestão, Sinusite
<i>Mentha pulegium</i> L.	Hortelã pimenta, Hortelã pastilha	Erva	Exótica	2	Folha (ou galho)	CI, CD	Dor de barriga, Barriga inchada, Indigestão, Diarréia
<i>Mentha X villosa</i> Huds.	Hortelã, Hortelã de coentro	Erva	Exótica	1	Folha	CD	Dor, Cólica pós-parto
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	Erva	Exótica	1	Folha	CI	Sinusite
<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona	Erva	Exótica	1	Folha	CI	Cansaço
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã gorda, Hortelã grande, Hortelã caiana	Erva	Exótica	4	Folha	L, GAI	Gripe, Inflamação, Pneumonia, Tosse
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim, Alecrim de casa, Alecrim de panela	Erva	Exótica	5	Folha, galho	CI	Cólica menstrual, Fluxo menstrual intenso, Falta de ar, Asma, Problema no coração, Cansaço, Calmante, Pressão alta
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Liamba	Arbusto	Exótica	1	Folha	T, GA	Dores, Dor de cabeça
<b>Laureaceae</b>							
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	Árvore	Exótica	1	Casca	CI	Vômito, Enjôo
<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	Arbusto	Exótica	3	Folha	CD	Dor de barriga, Diarréia
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Árvore	Exótica	1	Folha	CD	Dores e inchaço nas pernas
<b>Malvaceae</b>							
<i>Malva sylvestris</i> L.	Malva rosa	Erva	Exótica	2	Folha	CI	Gripe, Febre, Tosse
<b>Myrtaceae</b>							
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Arbusto	Nativa	1	Folha	CD, CI, IN	Dor de barriga, Diarréia
<b>Olivaceae</b>							
<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	Arbusto	Nativa	2	Casca	CD, GA, GAI	Ferimentos, Inflamação, Inflamação na garganta
<b>Poaceae</b>							
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim santo	Erva	Exótica	5	Folha	CI, CD	Pressão alta, Dor de barriga, Calmante, Insônia

continua...

TABELA 1. Continuação

Família/Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	ICUE	Partes	Manip.	Doenças
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana caiana	Erva	Exótica	2	Folha	CD, GAI	Inflamação no útero, Diabetes
<b>Punicaceae</b>							
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Arbusto	Exótica	2	Fruto (casca)	CD, GA, L, GAI	Inflamação na garganta ou amídalas
<b>Rhamnaceae</b>							
<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	Árvore	Nativa	1	Entrecasca	L	Tosse
<b>Rosaceae</b>							
<i>Rubus sellowii</i> Cham. & Schltdl.	Amora	Arbusto	Nativa	1	Casca	CD	Colesterol alto, "baixar as taxas"
<b>Rubiaceae</b>							
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Quina-quina	Árvore	Nativa	1	Casca	GA	Abortivo
<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo, Genipapo manso	Árvore	Nativa	2	Fruto	L	Gripe, Asma, Falta de ar, Pneumonia, Anemia
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Árvore	Exótica	1	Fruto	GAI	Inflamações, Inflamação na próstata
<b>Rutaceae</b>							
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Limão	Árvore	Exótica	1	Fruto	CD, S	Gripe, Furúnculo
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja da terra, Laranja	Árvore	Exótica	1	Flor, Fruto	CI, L	Calmante, Gripe
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Subarbusto	Exótica	4	Folha	CD, CI, GA, T, IN	Dor de ouvido, Tirar "mal olhado", Conjuntivite, Dores, Cólica menstrual, Cólica pós-parto
<b>Sapindaceae</b>							
<i>Paullinia seminuda</i> Radlk.	Cipó cururu	Liana	Nativa	1	Caule (raspa do cipó)	IN	Dor de dente
<b>Sapotaceae</b>							
<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. Ex Roem. & Schult.) T. D. Penn.	Quixaba	Árvore	Nativa	1	Entrecasca	GA	Dores (luxações)
<b>Urticaceae</b>							
<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul.	Embaúba, Imbaúba	Árvore	Nativa	1	Folha	CD, L	Gripe
<b>Verbenaceae</b>							
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Brown	Cidreira, Erva cidreira	Erva	Nativa	5	Folha, Flor	CI, CD	Calmante, Insônia, Dor de cabeça, Dor de barriga
<i>Lippia microphylla</i> Cham.	Alecrim de tabuleiro	Arbusto	Nativa	1	Folha	CD	Indisposição, Relaxante muscular, Proteção ("limpeza corporal")

continua...

TABELA 1. Continuação

Família/Espécie	Nome popular	Hábito	Origem	ICUE	Partes	Manip.	Doenças
<b>Violaceae</b>							
<i>Pombalia arenaria</i> (Ule) Paula-Souza	Papaconha	Erva	Nativa	1	Raiz	GA	Abortivo
<b>Zingiberaceae</b>							
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burt & R. M. Sm.	Colônia	Erva	Exótica	3	Folha, Flor	CD, L	Gripe, Febre

A proporção entre plantas nativas e exóticas foi bastante semelhante, 55,9% são nativas do Brasil (38 spp.) e 44,1% são exóticas (30 spp.) (Figura 2A). Esta semelhança na porcentagem entre espécies nativas e exóticas na composição florística demonstra uma dependência das matas e dos quintais, por parte dos moradores da comunidade.

O bioma e o clima local favorecem à adaptação de espécies exóticas, no entanto, embora isto seja possível, as pessoas do local ainda se utilizam de uma grande parte de espécies nativas. O oposto acontece em regiões semiáridas, onde a sensibilidade de algumas espécies exóticas impossibilita a sua adaptação nessas regiões. Isto pode influenciar uma maior utilização de espécies nativas nesses locais, como observado no estudo de Roque et al. (2010).

As ervas e árvores constituíram as principais fontes de utilidade medicinal, com 35,3% e 33,8% de representatividade, respectivamente, seguidas dos arbustos e subarbustos com 23,5% e as lianas com 7,4% (Figura 2B). A maioria de hábito herbáceo pode ser justificada pelo cultivo de plantas exóticas. E o hábito arbóreo pode ser justificado pela utilização de espécies nativas, coletadas nas matas ou cultivadas nos quintais.

Dessa forma, o cultivo nos quintais tem um papel importante na composição dos recursos

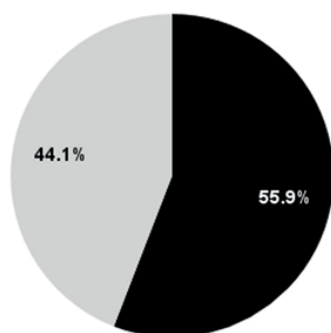
utilizados para a produção de remédios. Vale ressaltar que os quintais são compostos não apenas por plantas exóticas, mas também por espécies nativas.

Os quintais dos entrevistados são abastecidos, geralmente, com plantas advindas de doações de vizinhos, compra de mudas ou sementes em feiras livres, e também de coletas nos fragmentos florestais. As plantas cultivadas nos quintais, estão geralmente localizadas na parte posterior das casas, nunca na beira das estradas. Semelhante aos resultados de Miller (2012), em que este comportamento cuidadoso com as plantas medicinais é destacado em uma comunidade localizada no município de Arês, também, na região sul do RN.

É possível perceber a dependência do ambiente natural e da introdução de novos conhecimentos. Conversando com uma das informantes observamos o seu interesse em possuir novas espécies de plantas para cultivar em seu quintal. Demonstrava seu interesse por espécies da Amazônia que viu na televisão. Mas também mostrou interesse em manter as espécies nativas da região, dizendo ir, muitas vezes, ao mato buscar algumas espécies para plantar em seu quintal. Isto também é caracterizado pela intenção de trazer as espécies utilizáveis para mais próximo de suas

Origem biogeográfica das espécies

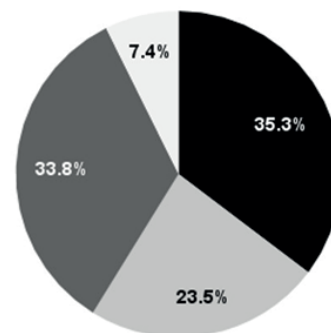
- Nativas
- Exóticas



A

Hábito vegetal

- Erva
- Arbusto/Subarbusto
- Árvore
- Liana



B

**FIGURA 2. A:** Origem biogeográfica (se são nativas ou exóticas ao Brasil) das espécies de uso medicinal citadas pelos informantes da comunidade do Catu-Canguaretama. **B:** Composição quanto ao hábito vegetal das espécies de uso medicinal citadas pelos informantes da comunidade do Catu-Canguaretama.

residências para maior facilidade no acesso a estes recursos.

A parte das plantas mais utilizada é a folha (48,5%), seguida da casca/entrecasca (22,1%), flor (10,3%), fruto (10,3%) e raiz (8,8%) (Figura 3A). As folhas são utilizadas, principalmente, no combate a doenças respiratórias, doenças relacionadas a digestão como dores na barriga, e inflamações em diversas partes do corpo. Mosca e Loiola (2009) e Silva e Freire (2010) também relatam as folhas como principal parte das plantas para a preparação de remédios caseiros no RN. De acordo com Castellucci et al. (2000), as folhas são as partes mais utilizadas por se apresentarem como um recurso abundante e disponível em todas as épocas do ano.

As principais manipulações das plantas apresentam-se em forma de: chás, por decoção e por infusão (42,9%); garrafadas, em água e em álcool (24,6%); e lambedor ou xarope (11,9%) (Figura 3B). Lorenzi e Matos (2008) descrevem também estes cinco tipos de manipulação, embora se utilizem de outra nomenclatura. Chás e xaropes (lambedor) também são os mais produzidos em outras pesquisas do RN (ver Mosca e Loiola 2009; Roque et al. 2010; Silva e Freire 2010). O fato da manipulação mais realizada ter sido os chás, pode estar relacionado à sua praticidade no preparo, obtendo, dessa maneira, o remédio de maneira mais rápida (Mosca e Loiola 2009).

De acordo com os informantes, o chá por “cozinhamento” (decoção) é preparado colocando-se a planta em uma panela com água e levando à fervura; o chá por “abafamento” (infusão) é preparado juntando-se água fervente sobre a erva, cobre-se e deixa em repouso por alguns minutos; a garrafada (com água) é feita colocando-se a planta, amassada ou cortada, mergulhada em água fria; a garrafada (com álcool) é preparada semelhante à garrafada em água, só que se substitui a água por algum tipo de bebida alcoólica como cerveja preta,

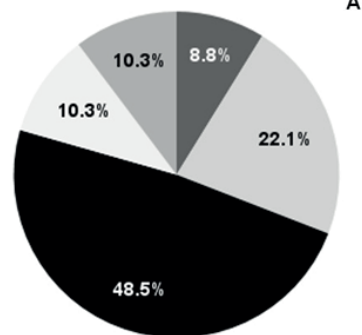
vinho ou cachaça; e o lambedor ou xarope é uma preparação feita utilizando-se um chá, por infusão ou cozimento, e espessada com açúcar até atingir o ponto de melaço. Outro tipo de produção de lambedor foi citado para o tratamento de tosse em crianças (por ser mais suave). Neste coloca-se uma cobertura de açúcar sobre folhas de Hortelã-gorda (*P. amboinicus*), isto formará uma espécie de mel que deverá ser ingerido pela criança doente.

Os chás, conforme informado nas entrevistas, não são utilizados apenas para ingestão, são utilizados também para banhos corporais. Tais banhos, segundo os entrevistados, são divididos em banhos de assento e de lavagem corporal. Os banhos de assento são empregados, principalmente, para o tratamento de doenças do aparelho geniturinário, identificadas pelos informantes como “doenças de mulher”, tais como inflamações no útero e ovários. Este banho é realizado de maneira em que a mulher se senta em uma bacia contendo o preparo (como exemplo o chá cozinhado da Cana-caiana, *S. officinarum*) e banha seus órgãos genitais.

Os banhos de lavagem corporal, são realizados com o derramamento do decocto, da cabeça aos pés, na pessoa enferma. As doenças mais citadas, para este tipo de banho, foram gripe e febre, tratadas com as folhas da Colônia (*A. zerumbet*). Nesta categoria, ainda, encontram-se os banhos aromáticos, compostos pela decoção de várias plantas de aroma intenso, tais como a Arruda (*R. graveolens*), a Colônia (*A. zerumbet*), o Alecrim-de-tabuleiro (*L. microphylla*) e a Liamba (*V. agnus-castus*), utilizados, principalmente, no tratamento do “Mal-olhado” (doença caracterizada por sintomas de mal-estar emocional ou falta de limpeza espiritual). Segundo os informantes, este tipo de preparação só pode ser composto por um número ímpar de espécies de plantas (1, 3, 5, 7...). Miller (2012) também destaca os banhos aromáticos,

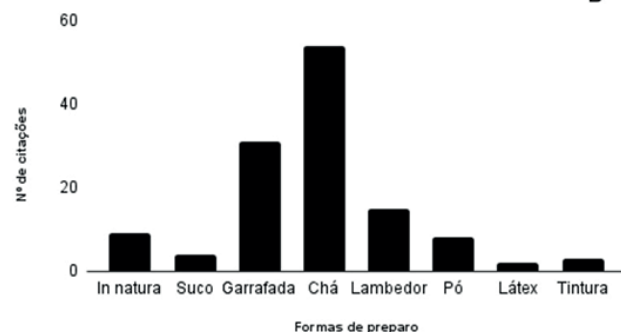
#### Partes utilizadas das plantas

- Raiz
- Casca/Entrecasca
- Folha
- Flor
- Fruto



A

#### Manipulação dos remédios



B

**FIGURA 3. A:** Partes utilizadas das plantas com potencial medicinal segundo os informantes da comunidade do Catu-Canguaretama. **B:** Tipos de manipulação utilizados no preparo dos remédios fitoterápicos de acordo com os informantes da comunidade do Catu-Canguaretama.

em sua pesquisa, para o tratamento de doenças que não se enquadram na medicina convencional.

Outros preparos de remédios que valem ser ressaltados são as garrafadas e lambedores compostos, ou seja, as preparações que utilizam mais de uma planta medicinal. Os lambedores compostos são utilizados para o tratamento da gripe, as plantas que podem ser misturadas são: Fedegoso (*H. elongatum*), Folha-santa (*K. brasiliensis*), Hortelã (*M. X villosa*), Hortelã-gorda (*P. amboinicus*), Malva-rosa (*M. sylvestris*), Mastruz (*C. ambrosioides*), Moçambê (*T. spinosa*) e Pau-ferro (*C. ferrea* var. *férrea*). Entretanto, os informantes afirmam que este tipo de preparo, também, só pode ser feito com um número ímpar de plantas.

As garrafadas compostas são utilizadas, principalmente, no tratamento de inflamações internas do corpo, combinações possíveis de plantas são: Coroma (*K. brasiliensis*), Hortelã gorda (*P. amboinicus* e Cana-caiana (*S. officinarum*) (com leite ou vinho); Babosa (*A. vera*), Cana-brava (*C. spicatus*) e Coroma (com vinho branco, cerveja preta ou água); Ameixa (*X. americana*) e Babatenon (*S. coriaceum*) (com cerveja preta e um pouco de mel); Babosa e None (*M. citrifolia*) (com água ou suco de uva). Os preparos que utilizam duas plantas (número par) possuem a ressalva de utilizar apenas uma pequena porção das plantas Babatenon e Babosa, pois estas plantas têm sabor amargo e “travoso”, afirmam os informantes.

Na presente pesquisa, a maioria dos remédios são preparados com apenas uma das partes de uma determinada espécie. Lévi-Strauss (1986) também observa isto em seu trabalho sobre os indígenas sul-americanos. Entretanto, vale ressaltar a importância do conhecimento da mistura de plantas para o preparo dos remédios. Segundo Lévi-Strauss (1986), esse conhecimento foi adquirido no contato intercultural dos indígenas com os europeus. Nessa perspectiva, é possível observar reflexos desse processo de interculturalidade na região estudada.

Além da numeração ímpar na mistura das plantas, durante as entrevistas, foram informados alguns processos particulares na coleta, preparo ou ingestão de alguns remédios, sem os quais a medicação não surgirá efeito ou causará algum dano à planta. Para coletar a Croa-de-frade (*U. gummifera*) para fazer o lambedor ou para retirar a entrecasca do Pau-ferro (*C. ferrea* var. *ferrea*) para o preparo do chá, é preciso identificar o sexo da planta, planta fêmea é utilizada no tratamento de homens e planta macho no tratamento de mulheres.

Segundo os informantes, alguns chás são feitos por “abafamento” (infusão) e não por “cozinhamento” (decoção) por um motivo muito específico: se alguma folha cair na chama do fogo,

a planta da qual foram retiradas as folhas, morre. Afirmam que com algumas plantas pode fazer o chá fervido porque o importante mesmo é não deixar a folha cair no fogo, com exceção do Alecrim, este é melhor não arriscar porque é mais sensível.

Os informantes afirmam que para o tratamento de gripes, os chás não devem ser ingeridos quentes ou mornos, só ingeridos frios. Quando questionados sobre o motivo, os entrevistados afirmaram que o chá quente “cozinha o catarro” nos pulmões ou gera bronquite na pessoa gripada. A questão de os chás serem ingeridos apenas frios, pode estar relacionada ao fato de tratamentos frios possuírem ação anti-inflamatória.

Uma observação geral feita pelos informantes foi que, as plantas medicinais “cheirosas” (de aroma intenso), são indicadas para o alívio de dores, como a Liamba (*V. agnus-castus* e a Arruda (*R. graveolens*). Eles afirmam também que as plantas muito amargas possuem o risco de gerar aborto como o chá da Mão-de-Deus (*T. diversifolia*) e o “café” da Manjerioba (*S. occidentalis*). Estas espécies não são indicadas para gestantes, embora possuam utilidades terapêuticas (ver Tabela 1).

A categoria das doenças relacionadas ao aparelho respiratório foi a mais citada pelos entrevistados (23,4%), destacando-se a gripe como doença mais lembrada nas entrevistas, seguida das doenças do aparelho digestivo (16%) (Tabela 2).

O clima tropical úmido da região pode favorecer o aparecimento desses tipos de doenças do aparelho respiratório. Esse padrão também foi observado em pesquisas feitas em outras regiões do Nordeste. No Rio Grande do Norte Mosca e Loiola (2009), Roque et al. (2010) e Silva e Freire (2010), no Estado da Bahia Santana et al. (2016), e em Pernambuco por Saraiva et al. (2015), as doenças respiratórias também estão entre as mais citadas na utilização de plantas medicinais. Sugere-se que tal semelhança seja por causa do clima do nordeste brasileiro, com períodos de seca e de chuva, semelhantes.

Vale ressaltar que as plantas mais citadas pelos informantes (exceto o Alcañuz) não são destacadas para o tratamento de doenças do aparelho respiratório. O fato de existir um número maior de espécies vegetais utilizadas no tratamento dessas doenças respiratórias, pode tornar menos provável que a maioria dos informantes cite as mesmas plantas.

É importante destacar que, além das enfermidades reconhecidas pela medicina convencional, existem doenças que não se enquadram nas categorias da CID 10, como exemplo o “Mal-olhado” (um tipo de mal-estar emocional ou falta de “limpeza espiritual”), e que segundo Amorozo (2001), classificam-se como

**TABELA 2.** Porcentagem de citação para cada categoria e doença mais citada, pelos entrevistados na comunidade do Catu, dentro de cada categoria.

<b>Categorias de Doenças</b>	<b>% de citação</b>	<b>Doença mais citada</b>
Doenças do aparelho respiratório	23,4%	Gripe
Doenças do aparelho digestivo	16%	Dor de barriga
Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório, não classificados em outra parte	12,6%	Inflamação
Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	10,3%	Dor na coluna
Doenças do aparelho geniturinário	9,1%	Infecção urinária
Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas	4,6%	Ferimentos
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	4%	Colesterol alto
Doenças do sistema nervoso	4%	Insônia
Doenças do ouvido e da apófise mastoide	3,4%	Dor de ouvido
Doenças do aparelho circulatório	3,4%	Pressão alta
Gravidez, parto e puerpério	3,4%	Cólica pós-parto
Doenças culturais	1,7%	"Mal olhado"
Neoplasias [tumores]	1,1%	Câncer
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	1,1%	Furúnculo, impinge
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários	0,6%	Anemia
Doenças do olho e anexos	0,6%	Conjuntivite
Algumas doenças infecciosas e parasitárias	0,6%	Catapora

Doenças culturais. Observação semelhante também foi realizada na pesquisa de Roque et al. (2010), mas com destaque para uma doença cultural chamada "Quebrante".

Os informantes confiam no poder terapêutico das plantas e confiam também em sua própria capacidade de reconhecer as espécies. Exemplo disto é a informação de um dos entrevistados sobre a planta Pata-de-vaca ou Mororó (*B. cheilantha*). Este afirma que a Pata-de-vaca utilizada para a produção de remédios, não é a mesma encontrada nas ruas das cidades e afirma também que só especialista sabe qual é o verdadeiro Mororó.

O grande número de plantas e indicações terapêuticas citadas na presente pesquisa demonstra o vasto conhecimento dos entrevistados sobre o uso medicinal das espécies. Há um índice de concordância entre os entrevistados, uma vez que diversas plantas foram citadas por mais de um informante. As pessoas mais idosas são, especialmente, as detentoras deste conhecimento tradicional.

## CONCLUSÃO

As informações contidas neste trabalho evidenciam a riqueza de plantas com potencial medicinal e a cultura local, bem como valorizam o conhecimento que foi acumulado pelas gerações da comunidade do Catu-Canguaretama. Isto pode

revelar um resgate dos costumes tradicionais, de uso das plantas com potencial medicinal, para a manipulação caseira de remédios a baixo custo financeiro para toda a comunidade.

## AGRADECIMENTOS

À comunidade do Catu-Canguaretama, principalmente ao Vandregécilio e sua família, pelo acolhimento e contribuição inestimável a esta pesquisa.

## REFERÊNCIA

- Albuquerque UP, Lucena RFP (2004) Métodos e Técnicas de Pesquisa Etnobotânica. 1.ed. Recife: Livro Rápido/NUPEEA. 189p.
- Amorozo MCM (2001) Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Bot Bras* 16(2):189-203. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062002000200006>.
- Aziz MA, Khan AH, Adnan M, Izatullah I (2017) Traditional uses of medicinal plants reported by the indigenous communities and local herbal practitioners of Bajaur Agency, Federally Administrated Tribal Areas, Pakistan. *J Ethnopharmacol* 198:268–281. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2017.01.024>.
- Bailey K (1994) *Methods of social research*. 4.ed. New York: The Free Press. 588p.

- Bardin L (2011) *Análise de conteúdo*. 1.ed. São Paulo: Edições 70. 229p.
- Berlin EA, Berlin B (2005) Some field methods in medical ethnobiology. *Field Method* 17(3):235–268. <https://doi.org/10.1177/1525822X05277532>.
- Brito MF, Marín EA, Cruz DD (2017) Plantas medicinais nos assentamentos rurais em uma área de proteção no litoral do Nordeste brasileiro. *Ambiente Soc* 20(1):83-104. <https://doi.org/10.1590/1809-4422ASOC20150034R2V2012017>.
- Castelluci S, Lima MJS, Nordi N, Marques JGW (2000) Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antônio -SP: uma abordagem etnobotânica. *Rev Bras Plantas Med* 3(1):51-60.
- Dutt HC, Bhagat N, Pandita S (2015) Oral traditional knowledge on medicinal plants in jeopardy among Gaddi shepherds in hills of northwestern Himalaya, J&K, India. *J Ethnopharmacol* 168:337–348. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2015.03.076>.
- IDEMA (2008) Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte. Perfil do Seu Município: Canguaretama. Natal: IDEMA/SEMARH. 10: 1-23. Disponível em: <http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/idema/DOC/DOC00000000016642.PDF>. Acesso em: 24 abr. 2016.
- Lévi-Strauss C (1986) O uso das plantas silvestres da América do Sul tropical. In: Ribeiro BG, Ribeiro D (ed). *Suma etnológica brasileira: Etnobiologia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes. 29-46.
- Little PE (2010) Os conhecimentos tradicionais no marco da intercientificidade. In: Little PE (ed). *Conhecimentos tradicionais para o século XXI: etnografias da intercientificidade*. 1.ed. São Paulo: Annablume. 09-23.
- Lorenz, H, Matos FJA (2008) *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2.ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum. 544p.
- Matos FJA (2002) *Farmácias vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades*. 4.ed. Fortaleza: Edições UFC. 267p.
- Miller FS (2012) *Pescadores e Coletoras de Patané/ Camocim*. 1.ed. Natal: EDUFRN. 249p.
- Tropicos (2017) Missouri Botanical Garden. Disponível em: <https://www.tropicos.org>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- Mosca VP, Loiola MIB (2009) Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. *Rev Caatinga* 22(4):225-234.
- OMS (2000) Organização Mundial da Saúde. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. 10.ed. São Paulo: Edusp. 1191p.
- Reflora (2017) *Flora do Brasil 2020*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br>. Acesso em: 05 jun. 2017.
- Ribeiro BG, Ribeiro D (1986) *Suma etnológica brasileira: Etnobiologia*. 1.ed. Rio de Janeiro: Vozes. 303p.
- Roque AA, Rocha RM, Loiola MIB (2010) Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). *Rev Bras Plantas Med* 12(1):31-42. <https://doi.org/10.1590/S1516-05722010000100006>.
- Santana BF, Voeks RA, Funch LS (2016) Ethnomedicinal survey of a Maroon Community in Brazil's Atlantic Tropical Forest. *J Ethnopharmacol* 181:37-49. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2016.01.014>.
- Saraiva ME, Ulisses AVRA, Ribeiro DA, Oliveira LGS, Macêdo DG, Sousa FFS, Menezes IRA, Sampaio EVSB, Souza MMA (2015) Plant species as a therapeutic resource in areas of the savanna in the state of Pernambuco, Northeast Brazil. *J Ethnopharmacol* 171:141-153. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2015.05.034>.
- Silva TS, Freire EMX (2010) Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. *Rev Bras Plantas Med* 12(4):427-435. <https://doi.org/10.1590/S1516-05722010000400005>.
- Specieslink (2017) Sistema de Informação Distribuído para Coleções Biológicas: a Integração do Species Analyst e do SinBiota (FAPESP). FAPESP. Disponível em: <http://www.splink.org.br>. Acesso em: 05 jun. 2017.
- Ullah S, Khan MR, Shah NA, Shah SA, Majid M, Farooq MA (2014) Ethnomedicinal plant use value in the Lakki Marwat District of Pakistan. *J Ethnopharmacol* 158:412–422. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2014.09.048>.